



JORNAIS *THE GUARDIAN*, *EL PAÍS* E O GLOBO: O QUE APRESENTAM SOBRE OS POVOS INDÍGENAS DE BELO MONTE

The Guardian, *El País* and *O Globo* newspapers: what they present about the indigenous peoples of Belo Monte

Los periódicos *The Guardian*, *El País* y el *Globo*: lo que presentan sobre los pueblos indígenas de Belo Monte

Renata da Cruz Paes¹

Priscila Sanjuan de Medeiros Sarmiento²

Altem Nascimento Pontes^{3, 4}

RESUMO

A Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte é a terceira maior barragem do mundo. Localiza-se na Amazônia, morada dos povos indígenas, deslocados de suas terras para a construção da barragem. O objetivo do artigo foi identificar na imprensa internacional e nacional a construção dos povos indígenas que lutam contra hidrelétrica. Foram utilizados métodos quali-quantitativos para análise das matérias nos sites *The Guardian*, *El País* e *O Globo*. Analisou-se dia, mês, ano; título da matéria; tipo de publicação; local de autoria; fontes; e caráter da informação. Amostrou-se matérias referentes à usina e aos povos indígenas, entre 2005 e 2017. Obteve-se 18 publicações, oito no *The Guardian*, sete no *El País* e três no *O Globo*. A maior frequência (12) foi de conteúdos relacionados a luta dos povos indígenas por direitos e conflitos com o governo. O restante (6) abordou as mudanças no modo de trabalho, alimentação, e relação desses povos com a natureza. Apenas uma

¹ Mestranda em Ciências Ambientais. Universidade do Estado do Pará. E-mail: contact.renatapaes@gmail.com.

² Doutora em Ciências Ambientais. Instituto Tecnológico Vale. E-mail: priscilasanjuanbio@yahoo.com.br.

³ Doutor em Física. Universidade do Estado do Pará. E-mail: altempontes@hotmail.com.

⁴ Endereço de contatos do(s) autor(es) (por correspondência): Universidade do Estado do Pará: Travessa Enéas Pinheiro, Marco, Belém, 2626 (CCNT), Pará, Brasil.

matéria foi produzida em Belo Monte. *O Globo* foi o que menos ouviu esses personagens, contudo o *The Guardian* abriu mais espaço para as fontes não oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Conteúdo; Belo Monte; Povos indígenas.

ABSTRACT

The Belo Monte Hydroelectric Plant (UHE) is the third largest dam in the world. It is located in the Amazon, home of indigenous peoples, displaced from their lands for the construction of the dam. The objective of the article was to identify in the international and national press the construction of indigenous peoples fighting against hydroelectric. Qualitative and quantitative methods were used to analyze the materials on The Guardian, El País and O Globo sites. Day, month, year were analyzed; title of the subject; type of publication; place of authorship; sources; and information character. There were 18 articles published, eight in The Guardian, seven in El País and three in O Globo. The highest frequency (12) was related to the struggle of indigenous peoples for rights and conflicts with the government. The rest (6) addressed the changes in the mode of work, feeding, and relationship of these peoples with nature. Only one material was produced in Belo Monte. The Globe was the least heard of these characters, however The Guardian opened up more space for unofficial sources.

KEYWORDS: Content Analysis; Belo Monte; Indian people.

RESUMEN

La Usina Hidroeléctrica (UHE) de Belo Monte es la tercera mayor represa del mundo. Se localiza en la Amazonia, morada de los pueblos indígenas, desplazados de sus tierras para la construcción de la represa. El objetivo del artículo fue identificar en la prensa internacional y nacional la construcción de los pueblos indígenas que luchan contra hidroeléctrica. Se utilizaron métodos cuantitativos para analizar las materias en los sitios The Guardian, El País y O Globo. Se analizó día, mes, año; título de la materia; tipo de publicación; lugar de autoría; fuentes; y el carácter de la información. Se amputó materias referentes a la usina ya los pueblos indígenas, entre 2005 y 2017. Se obtuvieron 18 publicaciones, ocho en The Guardian, siete en El País y tres en O Globo. La mayor frecuencia (12) fue de contenidos relacionados con la lucha de los pueblos indígenas por



derechos y conflictos con el gobierno. El resto (6) abordó los cambios en el modo de trabajo, alimentación, y relación de esos pueblos con la naturaleza. Sólo una materia fue producida en Belo Monte. El Globo fue el que menos escuchó a esos personajes, pero The Guardian abrió más espacio para las fuentes no oficiales.

PALABRAS CLAVE: Análisis de Contenido; Belo Monte; Pueblos indígenas.

Recebido em: 13.11.2018. Aceito em: 19.12.2018. Publicado em: 16.01.2019.

Introdução

A Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte é a terceira maior barragem do mundo, atrás apenas de Três Gargantas, na China, e de Itaipu, no Brasil/Paraguai (MACIEL; KHAN, 2017). É de conhecimento que grandes construções hidrelétricas geram impactos negativos em diferentes escalas do meio ambiente, afetando tanto a biodiversidade local e regional, quanto a manutenção de populações tradicionais (Fearnside, 2011).

A UHE Belo Monte tem o diferencial de “estar localizada na região amazônica, em uma área considerada a maior reserva de biodiversidade do planeta e uma das maiores em recursos minerais” (FERREIRA; SALATI, 2005, p.25). Consequentemente, ela “gerou debate na comunidade internacional desde o anúncio de sua criação, devido ao tamanho do impacto e importância desse projeto não só para o Brasil, mas para o meio ambiente como um todo” (SANTOS et al., 2012, p. 222).

Do início das obras em julho de 2011 até a inauguração em maio de 2016, o “Projeto da Barragem foi imune a todos os argumentos – lógicos, jurídicos e morais – e bem-sucedido na obtenção de suporte nas agências governamentais que o promoveram, nos bancos que o financiaram e nas empresas que investiram nele” (FEARNSIDE, 2018, p.164). Todavia, é “nessa região que se encontram os remanescentes indígenas, raramente consultados sobre as decisões que são tomadas” (SANTOS et al., 2012).

Amazônia, hidrelétricas e povos indígenas

Sobre a Amazônia, que pensam os títulos de “maior floresta tropical”, “inferno verde”, “maior biodiversidade do planeta”, existe uma realidade menos conhecida, a dos povos, que nela habitam. Na Amazônia “vivem os povos indígenas, comunidades remanescentes de quilombolas e milhares de comunidades de seringueiros, ribeirinhos ou babaqueiros” (HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005, p. 237)

Os mesmos autores comentam que a busca pela exploração da Amazônia interrompeu o histórico de vida desses povos:

“Projeções feitas a partir de documentos e de pesquisas arqueológicas estimam a população indígena, por ocasião da conquista, entre três e cinco milhões de pessoas, na Amazônia brasileira. A perspectiva histórica desses povos foi interrompida de forma brusca e violenta pelo projeto colonial que, valendo-se da guerra, da escravidão, da ideologia religiosa e das doenças, provocou na Amazônia uma das maiores catástrofes demográficas da história da humanidade, além de um etnocídio sem precedentes” (HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005p. 238 e 239).

Historicamente, o setor elétrico no Brasil gera conflitos diretos e de grandes proporções aos povos indígenas. De acordo com Koifman (2001), isso se dá devido a construção de linhas de transmissão de alta tensão elétrica e as usinas bem próximas as comunidades.

A partir da década de 1970 e 1980, os povos indígenas começaram a se organizar para enfrentar o sistema capitalista fortemente imposto na Amazônia, a partir da construção de estradas, oriundos de projetos

desenvolvimentistas. Em fevereiro de 1989 ocorreu um dos marcos históricos relacionados a UHE Belo Monte e aos povos indígenas. Fleury e Almeida (2013) lembram que neste ano foi sediado em Altamira o Encontro dos Povos Indígenas do Xingu.

O Encontro reuniu não só o “diretor e posterior presidente da Eletronorte, Antônio Muniz Lopes, assim como, o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o prefeito de Altamira, ambientalistas, povos indígenas e o cantor inglês Sting” (FLEURY; ALMEIDA, 2013, p. 143). Diante da imprensa nacional e internacional, a índia Tuíra apontou o facão para o rosto do presidente da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, que, “por coincidência, anos depois, à frente da Eletronorte, retoma o projeto de barramento do rio Xingu” (ALONSO, 2015, p. 83).

Arruda (1985), Bulcão (1994), Consolini et al. (1990), Couto (1996), Guimarães et al. (1997) e Tadei (1994) pontuam as principais problemáticas

causadas aos povos indígenas a partir da construção de hidrelétricas: o alagamento e invasão das terras indígenas; a diminuição das opções de caça e a redução das áreas de cultivo; proliferação de vetores causadores de doenças infecciosas.

A partir das consequências socioambientais causadas aos povos indígenas com a construção da UHE Belo Monte, a pergunta que norteia a presente pesquisa é: Quanto de espaço os povos indígenas tiveram nos jornais estrangeiros e nacional para exporem suas falas e opiniões sobre a Usina?

O objetivo do presente trabalho é analisar nas matérias jornalísticas publicadas pelos sites jornalísticos, como se deu a construção desses povos da Amazônia.

Metodologia

Partindo do entendimento de notícias não só como produtoras de audiências, mas de representações sociais (MOTTA; COSTA; LIMA; 2004, p 33) e que a categorização e tipificação são formas de fundamentar e representar as culturas

(HALL, 1997), realizou-se um estudo descritivo e foram utilizados métodos quali-quantitativos de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), para análise das matérias jornalísticas publicadas no *The Guardian*, do Reino Unido; *El País*, da Espanha; e *O Globo*, do Brasil.

Selecionou-se o *The Guardian*, *El País* e *O Globo* por estarem entre os 100 jornais de maior circulação no mundo, segundo pesquisa realizada pela Associação Nacionais de Jornais (ANJ, 2011). Os jornais também foram alvo da pesquisa por estarem em países mais populosos ou de ligação histórica com o Brasil.

Para a seleção da amostragem, digitou-se no campo de busca dos sites a palavra-chave "Hidrelétrica Belo Monte". Fez-se necessário uma segunda amostragem a partir da seleção de matérias em que apenas o título fez referência aos povos indígenas. O levantamento compreendeu publicações entre 2005 a 2017. Optou-se pelo material jornalístico online "devido a facilidade que a internet proporciona ao

acesso a informações produzidas em todo o mundo” (ZAGO; BASTOS, 2013, p. 117).

A amostragem se constituiu de 18 matérias jornalísticas. Analisou-se as datas da publicação para identificar quais eventos marcaram a imprensa; tipo de publicação (notícia/reportagem); local de autoria; fontes; e caráter da informação (a favor/ contra/ neutro) para se identificar o posicionamento dos jornais em relação aos povos indígenas e a UHE Belo Monte. O posicionamento foi definido a partir do número de fontes e o posicionamento delas nas matérias. O levantamento levou em consideração notícias e reportagens, classificadas em gênero jornalístico informático por Marques e Assis (2016).

Discussão e Resultados

De 2005 a 2017 obteve-se 151 matérias jornalísticas sobre a UHE de Belo Monte, sendo 27 do *The Guardian*, 28 do *El País* e 96 de O Globo. Desse total, 18 trataram sobre os povos indígenas, sendo oito no *The Guardian* (42,2%), sete em *El País* (36,9%) e três em O Globo (15,8%).

Os jornais internacionais deram mais visibilidade a eles.

No *The Guardian* e O Globo, janeiro a abril de 2016 foram os meses de mais publicações sobre os povos indígenas. *The Guardian* priorizou em divulgar a suspensões de licenciamento da hidrelétrica semanas antes dos testes das turbinas, o que interrompeu o início da operação de Belo Monte.

Já o jornal O Globo destacou o fato de três funcionários da empresa Norte Energia terem sido impedidos de deixar a aldeia Curuatxé, no Pará, após visita ao local. O jornal *El País* publicou mais conteúdo no período de agosto a outubro de 2012. Nesse momento, os povos indígenas deixavam a ocupação do canteiro de obras da hidrelétrica.

Quanto aos formatos de se produzir conteúdo jornalístico, foram publicadas 17 notícias e uma reportagem. Tavares (1997, p.124) define notícia como “fatos recentes, de interesse imediato para o leitor, ao contrário da que reportagem aborda com maior

profundidade um tópico (assunto, fato), analisando-o e interpretando-o”.

A única reportagem foi do *The Guardian* e teve como chamada “*Belo Monte, Brasil: as tribos que vivem na sombra de uma megabarragem*” (16/12/2014). A reportagem destaca as consequências da implantação de Belo Monte para os povos indígenas. A matéria abre com o seguinte trecho: “*Pela Grande Curva do rio Xingu, nas profundezas (grifo nosso) da Amazônia, a tribo Juruna está sendo afogada*”. O termo grifado utilizado pelo jornal, no original em inglês é “*depths of Amazonia*”.

Segundo Fraxe, Witkoski e Miguez (2009), tais expressões passam a ideia de que os povos da Amazônia vivem em um ambiente isolado no tempo e no espaço. “Pelo contrário, eles sempre estabeleceram — e continuam a estabelecer — relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala

global” (FRAZE; WITKOSKI; MIGUEZ, 2009, p. 30).

Motta (2002) reforça que as notícias têm o poder simbólico de mistura realidade e fantasia. “Elas são logos, razão, fatos históricos; mas, ao mesmo tempo inspiram subjetividades que dotam os acontecimentos de sentidos do bem e do mal, de passado e de futuro, que estimulam desejos, fantasias e utopias” (p.15).

São pelos títulos das matérias que os usuários têm o primeiro contato com a informação e assim são estimulados a acessar o conteúdo. Em uma frase, os títulos carregam o peso de todo o conteúdo escrito pelo jornalista. Por isso, precisam ser chamativos e é por eles que os usuários fazem circular a informação na rede (MELO, 2017).

Os títulos atuam como reprodutores de discursos. “Os ‘discursos’, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras” (FOUCAULT, 2012, p. 59).

A Tabela 1 apresenta as palavras ou expressões para identificar os povos indígenas nas chamadas jornalísticas.

Palavras	Quantidade
Índios	6
Indígenas	4
Tribos	3
Povos	
indígenas	2
Famílias	1
Ambientalistas	1
Menor capacidade	1

Tabela 1 – Termos utilizados nos títulos das matérias para se referir aos povos indígenas. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2018.

A Tabela 1 mostra que em maior número está a forma de apresentá-los como “índios”, seguido de “indígenas” e em terceiro de “tribos”. Collet, Paladino e Russo (2014) afirmam que essas expressões são incorretas e ultrapassadas. Eles esclarecem que o conceito de “índio” surgiu com a chegada dos europeus à América, que pensaram estar nas terras da Índia. Já a palavra “indígenas” veio do colonizador, porque

não havia palavra para designar a população nativa e continua até hoje sendo utilizada.

Quanto a “tribo”, segundo os mesmos autores que se basearam em estudos antropológicos, o termo é utilizado para definir qualquer organização social associado ao nomadismo (do termo *nômade*). Porém, não existem grupos indígenas no território brasileiro organizados como tribo, pois não há uma chefia capaz de mobilizar pessoas. “O conceito genérico de tribo, portanto, não é adequado, para analisar todas as formas de organização indígena, sendo mais correto o uso e etnia ou povo indígena” (COLLET; PALADINO; RUSSO, 2014, p.13).

Outra forma de representar os povos indígenas que chamou atenção foi por meio da expressão “menor capacidade”, retirada da fala de uma entrevistada. Lima e Guadilha (2015, p.83) reforçam que “esse processo de inferiorização e subjogação do ‘povo tradicional amazônico’ continuou mesmo após a independência do Brasil, não mais

numa perspectiva apenas internacional, mas também nacional”. De acordo com Loureiro (2002) isso se justifica pelo fato de que os grandes centros urbanos passaram a ser modelos de cultura formal e as populações urbanas da Amazônia, almejando parecer com o “desenvolvimento”, abandonaram os costumes da cultura indígena e passaram a vê-la de maneira pejorativa e estática.

Houve maior frequência (12) de títulos relacionados a luta dos povos indígenas por direitos as terras e os conflitos com o governo para parar a UHE de Belo Monte. O restante das matérias (6) abordou as mudanças no modo de trabalho, alimento, e relação com a natureza que os povos indígenas sofreram a partir da instalação da Usina.

Na Tabela 2 apresenta-se os locais em que as matérias foram produzidas. Nota-se que apenas uma matéria jornalística foi feita em Belo Monte, pelo jornal *The Guardian*.

Local	The Guardian	O El País	O Globo	Total Geral
Belo Monte	1	0	0	1
Brasília	0	0	2	2
Itaituba- Trairão (Pará)	1	0	0	1
Madrid	0	1	0	1
Rio de Janeiro	3	5	1	9
São Paulo	1	0	0	1
Não especificado	2	1	0	3
Total Geral	8	7	3	18

Tabela 2 – Locais em que os jornais *El País*, *O Globo* e *The Guardian* produziram as matérias jornalísticas

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Metade das matérias foram produzidas no Rio de Janeiro. O Globo está sediada no Rio de Janeiro e os jornais internacionais costumam alocar os correspondentes nos grandes centros urbanos dos países. Segundo Dalmolin e Silveira (2016) os veículos estrangeiros possuem correspondentes no Brasil, que escrevem sobre as temáticas relacionadas

a Amazônia sem ir à Amazônia. Tais profissionais residem principalmente na região Sudeste do Brasil. “A chamada ‘grande imprensa’ do país é constituída quase que exclusivamente por veículos situados no eixo Rio-São Paulo” (DALMOLIN; SILVEIRA, 2016, p.32).

Na Tabela 3 identifica-se as fontes e a quantidade de vezes que elas foram escutadas nas matérias jornalísticas. Nota-se que o *The Guardian* possui um número de maior de fontes se comparado ao *El País* e O Globo.

Fontes	The Guardian	El País	O Globo
Povos Indígenas	8	2	0
Norte Energia	4	3	2
Cientista	2	0	0
Ong.	6	1	0
Governo	1	0	2
Representes públicos	2	2	0

Tabela 3 – Fontes escutadas nas matérias jornalísticas

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Mesmo estando no país em que a UHE Belo Monte foi instalada, o jornal O Globo foi o único que não ouviu os povos indígenas. Ouviu-se apenas o governo e a empresa Norte Energia. A falta de protagonismo dos povos indígenas revela-se como uma forma e violência física, verbal e submissão (ORLANDI, 1990). Percebe-se um silenciamento no jornal O Globo sobre esses povos, movimentos sociais ou ambientalistas que se colocam ao lado dos atingidos pela UHE Belo Monte.

“Ao excluir-se os povos indígenas como fonte de informação, concede-se ao não índio e às instituições o poder de criar e dar sentido à construção discursiva (...) O que não é silenciado sobre o assunto é falado a partir das representações política, social e econômica do não índio” (FIGUEIREDO; MOURA, 2013, p. 79).

A Tabela 4 revela o posicionamento dos jornais quanto a viabilidade da Usina na Amazônia.

Posicionamento	The Guardian	El País	O Globo
A favor	0	0	2
Contra	9	4	0
Neutro	0	2	1

Tabela 4 – Posicionamento dos jornais.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O jornal *The Guardian* mostrou-se a favor dos povos indígenas quanto a descontinuidade do projeto UHE Belo Monte. Notou-se o posicionamento do jornal a partir do número de fontes indígenas escutadas e da prioridade em tratar das consequências ambientais e sociais advindas da UHE Belo Monte. Já o jornal *El País* optou em retratar os manifestos dos povos indígenas e ocupações nos canteiros de obras de Belo Monte.

Em duas publicações, *El País* balanceou o posicionamento das fontes. Já o jornal *O Globo* retratou os povos indígenas como responsáveis pelo sequestro de funcionários da Norte Energia em duas de suas publicações, além de não ter buscado entrevistá-los.

Considerações finais

A pesquisa revelou que os jornais mais influentes do mundo, *The Guardian*, *El País* e *O Globo* possuem uma visão ultrapassada dos povos indígenas, a começar pela forma como são identificados: “índios, tribos, menor capacidade”.

O número matérias dos sites internacionais sobre os indígenas e a UHE Belo Monte em proporções maiores que a publicada no site nacional, indica que a pauta dos povos indígenas em um dos veículos da imprensa hegemônica brasileira não é tida como prioridade. Fato que não pode ser justificado pela potencialidade nacional do jornal.

Entre os três jornais observados, apenas o *The Guardian* buscou conhecer a realidade dos povos mais afundo ao produzir uma reportagem, ouvir um número maior de fontes e ir a Belo Monte.

El País e *O Globo* limitaram-se a tratar do tema pelo viés de protestos e manifestações dos povos indígenas. Os

mesmos jornais deram poucas oportunidades de falas a esses personagens que até hoje sofrem as consequências da instalação da barragem.

Hoje já não basta saber quem são os povos indígenas, mas quem eles não são de fato. Buscar imprensas alternativas, criar os próprios meios de produção de informação como blogs, sites e páginas nas redes sociais, pode ser um meio pelo qual os próprios povos indígenas consigam ter suas vozes e vidas retratadas ao mundo.

Referências

- ALONSO, S. Belo Monte e a questão indígena. **Novos Cadernos NAEA**, v. 18, n. 2, 2015.
- ARRUDA, M. E., 1985. Presença de plasmódio *brasilianum* em macacos capturados na área de enchimento do reservatório da usina hidroelétrica de Tucuruí, Pará. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro, v. 80, n. 3, p. 367-369, July./Sept. 1985.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Maiores jornais do Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/os-100-maiores-jornais-do-mundo-2/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BULCÃO, J. A. P. **Proposta de um Modelo para Avaliação do Impacto dos Empreendimentos Hidroelétricos sobre as Doenças Transmitidas por Vetores com Especial Referência à Malária**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 1994.
- COLLET, C; PALADINO, M; RUSSO, K. **Quebrando preconceitos**: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014. 110p.
- CONSOLINI, J.; LUZ, E. & TORRES, P. B. Flebotomos da área do reservatório da Hidroelétrica de Itaipu, Estado do Paraná, Brasil (Diptera, Psychodidae). **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 86-89, Jan./Mar. 1990.
- COUTO, R. C. S.. **Hidrelétricas e Saúde na Amazônia: Um Estudo sobre a Tendência da Malária na Área do lago da Hidrelétrica de Tucuruí, Pará**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Instituto Oswaldo Cruz, 1996.
- DALMOLIN, A. R.; SILVEIRA, A. C. M.. Um abismo vigiado: segurança e soberania no discurso jornalístico televisual sobre fronteiras na Amazônia. **Revista**

Internacional de Ciencias Sociales, v. 5, n. 1, p. 29-41, 2016. Disponível em: <<http://journals.epistemopolis.org/index.php/csociales/article/view/368/27>>. Acesso em 11 jun. 2018.

FEARNSIDE, P. The devastating effects of tsunamis, big hydroelectric dams and other clear energy. **Climate Connections**-Global Justice Ecology Project's News Blog, 2011 Disponível em: <<http://www.climateconnections.org>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FEARNSIDE, P. M. M. Belo Monte: Atores E Argumentos Na Luta Sobre A Barragem Amazônica Mais Controversa Do Brasil. **Revista Nera**, n. 42, p. 162-185, 2018. Disponível em: <<https://plataformaenergetica.org/sites/default/files/FEARNSIDE%20Philip%20M.%20Belo%20Monte.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FERREIRA, A. MM; SALATI, E. Forças de transformação do ecossistema amazônico. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 25-44, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/02.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FIGUEIREDO, V.; MOURA, D. O. Silenciamento e ausências: a saúde dos povos indígenas na mídia impressa brasileira. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 6, n. 2, p. 69-90, 2013. Disponível: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RC_EUCB/article/view/5279/3331>. Acesso em 29 jan. 2018.

FLEURY, L. C.; ALMEIDA, J. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 4, p. 141-158, 2013. Acesso em 12 fev. 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/317/31729904009.pdf>>.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2011.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n3/a12v61n3.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

GUIMARÃES, A. E. G.; MELLO, R. P.; LOPES, C. M.; ALENCAR, J. & GENTILE, C. Prevalência de anophelinos Diptera: Culicidae no crepúsculo vespertino em áreas da usina hidrelétrica de Itaipu no Município de Guaíra, Estado do Paraná, Brasil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro, v. 92, n. 6, p. 745-754, Nov./Dez. 1997.

HALL, S.. The spectacle of others. In: **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage Publications, 1997.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. **Estudos avançados**, v. 19, n. 53, p. 237-255, 2005.

KOIFMAN, Sergio. Geração e transmissão da energia elétrica: impacto sobre os povos indígenas no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, p. 413-423, 2001.

LIMA, R. L. A.; GADELHA, D. Colonialismo: recorrências e dispersões no discurso do audiovisual amazônico. **Logos**, v. 1, n. 22. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19555/14199>>. Acesso em: 20 maio 2018.

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a08.pdf> >. Acesso em: 1 jun. 2018.

MACIEL, H. M.; KHAN, A. S. Intensidade energética dos países integrantes do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 8, p. 443-459, 2017. Disponível em: < <http://revista.ecogestaobrasil.net/v4n8/v04n08a16a.html>>. Acesso em 12 jun. 2018.

MARQUES, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, 2016. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/698/69845297003/>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MELO, L. B. Títulos em notícias de divulgação científica: estratégias discursivas e funcionalidades na interface

do Facebook. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 17, n. 1, p. 51-66, 2017.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 2, 2004. Disponível em: < <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1067/968>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 25, n. 2, 2006. Disponível em: < <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/418/387>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

ORLANDI, E. P. Terra à Vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo, 2 ed. Campinas: Unicamp, 2008. 388p.

SANTOS, T. et al. Belo Monte: Impactos sociais, ambientais, econômicos e políticos. **Tendências**, v. 13, n. 2, p. 214-227, 2012. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4241061>>. Acesso em: 17 mar.2018.

TADEI, W. P., 1994. Proliferação de mosquitos na Hidrelétrica de Tucuruí, Pará. In: A Questão Energética na Amazônia. Avaliação e Perspectivas Sócio Ambientais. **Anais...**, pp. 2-13, Belém: Núcleo de Altos Estudos na Amazônia,



Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi.

TAVARES, J. A formação como construção do conhecimento científico e pedagógico. **Percursos de formação e desenvolvimento profissional**. Porto: **Porto Editora**, p. 59-73, 1997.

ZAGO, Gabriela Da Silva; BASTOS, Marco Toledo. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise Comparativa das Notícias mais Repercutidas na Europa e nas Américas. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. 9, p. 116- 133, 2013. Disponível em:< <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/510/445>>. Acesso em: 1 maio 2018.